

70 anos sem Noel

Fernando Garcia*

Nascido no Rio de Janeiro em 1910, Noel de Me-deiros Rosa viveu intensamente seus curtos 26 anos de existência. Através das cerca de 300 canções que compôs em oito anos corridos de produção musical, Noel contribuiu sobremaneira para a consolidação da estrutura poética, rítmica e melódica do samba brasileiro.

Seu espírito jovem e boêmio está presente em todos os depoimentos até hoje recolhidos sobre sua personalidade. Pelos ambientes marginais que perambulou conheceu artistas, malandros, prostitutas e boêmios que ajudaram a influenciar e moldar sua filosofia de vida, a qual, registrada no conteúdo de suas letras, diz muito do estilo de vida e do caráter nacional do povo brasileiro.

Marcantes eram as características físicas de Noel, com seu rosto sem queixo oriundo de um parto a fórceps. Esse traço físico o deixava envergonhado quando sorria torto ou comia na frente de outras pessoas. Tal fato está na origem do apelido “queixinho”, recebido de amigos do Colégio São Bento, onde estudou. A deficiência física, no entanto, ao contrário de um obstáculo, representou um diferencial e até um charme para aquele compositor genial criado em ambientes de classe média, para onde levou o samba - música surgida originalmente do batuque e do gingado dos negros que habitavam os morros cariocas.

Era chamado o Poeta da Vila, pois sua obra musical foi construída tendo como ambiência

Seu espírito jovem e boêmio está presente em todos os depoimentos até hoje recolhidos sobre sua personalidade.

privilegiada o bairro de Vila Isabel. Ali Noel criou canções que refletiam a grande efervescência da vida carioca e brasileira dos anos 30 - período de profundas mudanças no cenário político e cultural do país. Testemunha dos grandes acontecimentos de seu tempo, Noel traçou, através de sua obra musical, um amplo panorama do Brasil das primeiras décadas do século XX.

Sempre atento ao seu tempo, Noel foi produto e reflexo de sua época, o que não o impedia de ter o olhar permanentemente voltado para o futuro. Sua música compôs a trilha do filme “Alô Alô Carnaval” quando o cinema apenas iniciava o processo de sonorização. Foi pioneiro no uso da palavra “bossa” e do termo “horário de verão”. Ajudou a conformar a estrutura musical do samba, deixando de lado o ritmo maxixado que começava então a se esgotar. Trouxe para a música brasileira o cinema falado, a vida do operário, a miséria e as desigualdades sociais, o amor desiludido, a relação com as mulheres, o respeito à Pátria e às coisas do Brasil, a boemia, o homossexual, a burocracia das repartições, a malandragem, a filosofia, o assédio moral e sexual no trabalho, o culto ao corpo, a dívida externa, o ciúme e tantos outros temas pouco ou nada trabalhados até então.

É preciso reforçar o sentido de pertencimento de uma juventude que carece de exemplos, ídolos e referências capazes de inspirá-la



A obra de Noel Rosa situa-se na raiz da moderna música popular brasileira. Canções como Feitio de Oração, Não tem tradução, Pra que mentir, Pierrô apaixonado, Três apitos, Pastorinhas, Palpite infeliz e Conversa de Botequim representam contribuições seminais, a partir das quais se originou parte importante da música nacional e popular brasileira.

Noel compunha sempre de forma irreverente, usando palavras do dia-a-dia. Abusava do sarcasmo e da sensualidade sem excessos constrangedores. Cunhou assim uma linha literária própria e inconfundível, servindo de escola para grandes letristas, intérpretes e melodistas de várias gerações, como Tom Jobim, Ary Barroso, Chico Buarque, Caetano Veloso, João Bosco, Edu Lobo, Gilberto Gil, Martinho da Vila, Paulinho da Viola, Cartola, Ivan Lins, Zé Renato e tantos outros que até hoje bebem da fonte Noel Rosa.

Depois de sua morte, em 1937, a obra de Noel conheceu quase uma década de esquecimento, coisa comum em um país que não costuma valorizar a memória de sua produção cultural. Aracy de Almeida e outros amigos do poeta trouxeram-no à tona novamente, enfatizando sua contribuição indispensável à música popular brasileira.



Morto precocemente aos 26 anos, viveu a vida de forma intensa, rebelde e apaixonada e deixou uma obra que situa-se na raiz da moderna música popular brasileira.

Da mesma forma que o poeta baiano Castro Alves, Noel Rosa é um ícone da juventude brasileira. Morto precocemente aos 26 anos, viveu a vida de forma intensa, rebelde e apaixonada. Parecendo saber que morreria cedo, produziu em pouco tempo um gigantesco arcabouço de composições tendo como parceiros nomes que formavam a mais fina nata da música brasileira de então: Ismael Silva, Pixinguinha, Vadico, Lamartine Babo, Orestes Barbosa, Heitor dos Prazeres, Ary Barroso, Francisco Alves, Almirante e João de Barro (o recém-falecido Braguinha).

Homenagear a figura do jovem compositor que revolucionou a música brasileira significa resgatar um capítulo importante de nossa música popular. Mais que isso, significa contribuir para a democratização do acesso à memória da presença cultural da juventude brasileira, possibilitando assim o conhecimento e o reconhecimento da participação juvenil em importantes setores e momentos da vida nacional – tarefa à qual o CEMJ tem se dedicado ao longo das últimas duas décadas, desde que foi fundado em 1984.

O Brasil conta hoje com cerca de 35 milhões de jovens de 15 a 24 anos, segundo dados do IBGE. Nos dias atuais, essa mesma juventude é duramente atingida pelo flagelo da exclusão cultural. O acesso à cultura, que deveria complementar a formação educacional da juventude brasileira, ainda é escasso em função, em

grande medida, da privatização dos espaços culturais – fenômeno facilmente observado em setores como o teatro. Nossos jovens não têm acesso a museus, cinemas, teatros, praças poliesportivas, shows e a muitos outros equipamentos e espaços culturais. Dados do Projeto Juventude (2004) revelam que 78% dos jovens nunca compareceram a um debate público ou conferência, 62% não conhecem concertos ou espetáculos teatrais, 52% nunca pisaram em uma biblioteca e 39% de nossos jovens não sabem o que é um cinema.

Nesse contexto, não é difícil concluir que a TV surge como única alternativa cultural disponível para amplos setores da juventude brasileira. Uma alternativa, diga-se de passagem, na maioria das vezes de baixíssimo teor cultural, cuja programação – salvo raras exceções – pauta-se pelo entretenimento descompromissado e pela divulgação de valores e idéias estranhas à nossa realidade. A veiculação de produtos culturais de outros países, muitas vezes de baixa qualidade, é fato que acaba por moldar a forma de pensar e agir da juventude brasileira. Não à toa, podemos constatar cotidianamente que amplas parcelas de nossos jovens, embora amem os valores e a cultura nacional, adotam como referência homens e mulheres nascidos e criados em outros contextos históricos, alheios à realidade e aos problemas nacionais – fato que contribui para o apagamento da memória coletiva do povo brasileiro. E, nunca é demais lembrar, um povo sem memória

é um povo sem identidade.

Por grave que seja, essa situação ainda contribui para fazer da juventude brasileira uma vítima fácil da standardização dos bens simbólicos, alavancada por um mercado cultural que aposta cada vez mais no efêmero e no descartável, demonstrando absoluta indiferença em relação à dimensão sócio-educativa do entretenimento cultural.

Neste momento político ímpar, no qual nosso país busca avançar na construção de um novo modelo econômico e social, revestem-se de grande importância iniciativas voltadas à elevação do nível cultural de nossa juventude e ao reforço de idéias como as de soberania, identidade e projeto nacional. Em um contexto como esse, nada mais apropriado que rememorar o grande Noel Rosa, a partir de uma perspectiva que reforce a atualidade de sua vida e obra – à qual têm restrito acesso grande parte das novas gerações de brasileiros. É preciso reforçar o sentido de pertencimento de uma juventude que carece de exemplos, ídolos e referências capazes de inspirá-la e ajudá-la a compreender os fatores que condicionam as possibilidades de desenvolvimento pleno de nosso povo e de nosso país. ❶

*FERNANGO GARCIA é historiador, diretor de estudos e pesquisas do CEMJ.

NOTAS

1 Iniciativa de âmbito não-governamental composta por diversas entidades e instituições que trabalham com jovens. Durante os anos de 2003 e 2004, o Projeto Juventude elaborou um documento com subsídios para a formulação de uma política de juventude para o Brasil.

2 Segundo pesquisa do Projeto Juventude (2004), 91% dos jovens de nosso país têm orgulho de ser brasileiros.